



TEXTOS E CONTEXTOS SOBRE CIRURGIA EM PORTUGAL E NA AMÉRICA PORTUGUESA NO SÉCULO XVIII

Monique Palma

Universidade de Lisboa, Portugal

Recibido: 07/02/2021

Aceptado: 21/04/2021

RESUMO

O presente trabalho discute textos e contextos da prática cirúrgica em Portugal, e em sua extensão territorial, América portuguesa, no século XVIII. Aborda da obra *Luz Verdadeira, e recopilado exame de toda a Cirurgia*, de 1705, redigida pelo cirurgião António Ferreira (1626-1679), ao material inédito intitulado *Biblioteca de Cirurgia* de 1798 de autoria do cirurgião António Rodrigues Portugal, (1738-?). Examina-se a participação dos “estrangeirados” no processo de disseminação e desenvolvimento do conhecimento médico-cirúrgico setecentista. Analisa-se a temática com obras de relevo da historiografia da medicina brasileira e portuguesa dentro do âmbito de História das Ciências. Este artigo é uma contribuição para compreendermos a Cirurgia dentro das transformações do pensamento científico médico-cirúrgico no efervescente período setecentista.

PALAVRAS-CHAVE: história da medicina; história da cirurgia; história das ciências; história moderna; Brasil; Portugal.

TEXTS AND CONTEXTS ABOUT SURGERY IN PORTUGAL AND PORTUGUESE AMERICA IN THE XVIII CENTURY

ABSTRACT

The present study analyses written documentation and historical context of surgical practices in Portugal and in Portuguese America in the 18th century. We approach the known manual *Luz Verdadeira, e recopilado exame de toda a Cirurgia*, 1705, written by António Ferreira (1626-1679), and the unknown *Biblioteca de Cirurgia*, 1798, written by António Rodrigues Portugal, (1738-?). This article intends also to make a critical review of the involvement of the *estrangeirados* on the spread and development of medical surgical knowledge in the 18th century. The theme is analyzed with relevant Brazilian and Portuguese works from the historiography of medicine within the scope of

History of Science. This paper is a contribution to understanding the Surgery within the transformations of medical surgical thought in the 18th century.

KEYWORDS: history of medicine; history of surgery; history of science; modern history; Brazil; Portugal.

TEXTOS Y CONTEXTOS SOBRE CIRUGÍA EN PORTUGAL Y AMÉRICA PORTUGUESA EN EL SIGLO XVIII

RESUMEN

Este artículo analiza los textos y contextos de la práctica quirúrgica en Portugal, y en su extensión territorial, la América portuguesa, en el siglo XVIII. Aborda desde la obra *Luz Verdadeira, e recopilado exame de toda a Cirurgia*, de 1705, escrita por el cirujano António Ferreira (1626-1679), hasta el material inédito titulado *Biblioteca de Cirurgia*, de 1798, cuyo autor es el cirujano António Rodrigues Portugal, (1738-?). Se examina la participación de los "extranjeros" en el proceso de difusión y desarrollo de los conocimientos médicos y quirúrgicos del siglo XVIII. El tema se analiza con obras relevantes de la historiografía médica brasileña y portuguesa en el ámbito de la Historia de las Ciencias. Este artículo es una contribución para entender la Cirugía dentro de las transformaciones del pensamiento científico médico-quirúrgico en el período del siglo XVIII.

PALABRAS CLAVE: historia de la medicina; historia de la cirugía; historia de las ciencias; historia moderna; Brasil; Portugal.

Monique Palma. Doutora em História, possui Doutorado pela Universidade do Porto, Portugal. Mestrado em História pela Universidade de Maringá, Brasil. Membro do CITCEM. No momento, atua como investigadora no projeto DUNES ~ o Mar, a Areia e as Gentes (ERC), do Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Recebeu o Prémio de Investigação Internacional ao nível de Doutorado “Pina Manique – Do Iluminismo à Revolução Liberal”, da Academia Portuguesa da História/ Fundação Pina Manique, de 2020.

Correo electrónico: moniquepalma@hotmail.com

ID ORCID: 0000-0002-5506-9115

TEXTOS E CONTEXTOS SOBRE CIRURGIA EM PORTUGAL E NA AMÉRICA PORTUGUESA NO SÉCULO XVIII

Consideração inicial

Para entendermos o complexo universo dos cirurgiões na América portuguesa do século XVIII, é preciso deslindar sobre, dentre outros elementos, os contextos, e textos do período que envolve a cirurgia e os seus agentes. O presente trabalho¹ representa uma etapa inicial, centrada na compreensão de contextos essenciais para a discussão mais abrangente do tema: cirurgiões, práticas e saberes cirúrgicos na América portuguesa no século XVIII².

Cirurgia: um campo prático da Medicina

A Cirurgia apresenta-se como uma arte que usufruía e acompanhava o desenvolvimento de outras matérias e práticas científicas no decorrer do século XVIII. A historiografia já tem demonstrado que não foram apenas os filósofos naturais que contribuíram para a reestruturação da base científica, dita de “moderna”. Inclusive, atualmente, o processo tende a ser entendido da forma mais ampla possível, investigando sobre todos os agentes envolvidos na construção de saberes (RAJ, 2017: 1-14). Os assuntos cirúrgicos sempre estiveram em pauta, independentemente de a Cirurgia possuir uma colocação secundária dentro da hierarquia médica.

Do mesmo modo, também a formação de cirurgiões sempre chamou a atenção da comunidade científica, como no caso da *Materia Medica*, obra de um cirurgião militar do século I da nossa era, Pedáneo Dioscórides de Anazarbeus, a principal sobrevivente da Antiguidade (DEBUS, 2004: 42). Do mesmo modo, disso dá prova também a participação e reconhecimento que são conferidos a tantos outros cirurgiões no contexto mundial, como William Cheselden (1688-1752), Lorenz Heister (1683-1758), Percivall

¹ O presente trabalho faz parte da tese de doutoramento intitulada: *Cirurgiões, práticas e saberes cirúrgicos na América portuguesa no século XVIII*, defendida na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em fevereiro de 2019 (Palma, 2019), sob orientação da Professora Doutora Amélia Polónia, com financiamento da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

² Para mais textos sobre cirurgia e cirurgiões no século XVIII, nomeadamente em Portugal e na América Portuguesa, conferir: (PALMA, 2019; 2019a; 2020; 2018; 2018a; 2016).

Pott (1714-1789), John Hunter (1728-1793), Pierre-Joseph Desault (1744-1795), Dominique-Jean Larrey (1766-1842), Antonio Scarpa (1752-1832) e Astley Cooper (1768-1843) (ZIMMERMAN, VEITH, 1961).

Luz Verdadeira: definições do que é Cirurgia, em Portugal, no século XVIII

De origem grega, em que *Chyros* significa mão, e *Ergia* significa obra, a soma dos termos e sentido literal de Cirurgia é obra de mãos. O cirurgião é “um artifice manual, que cura os danos externos & deve usar dellas cõ tal brandura, & suavidade, que pareça seu tacto, mimo, & seu uso, mais que cura, lisonja” (FERREIRA, 1705).

Obra proeminente quanto às definições do que é Cirurgia, em Portugal, no século XVIII, é a *Luz Verdadeira, e recopilado exame de toda a Cirurgia* (FERREIRA, 1705). Redigida por António Ferreira (1626-1679), “cirurgião da câmara de D. Pedro II, de sua guarda, do hospital Real, dos carcereiros do Santo Officio, & familiar dele, e do Tribunal da Relação da corte, Cavalheiro Professo da Ordem de nosso Senhor Jesus Christo”, a obra *Luz Verdadeira*, teve quatro edições, em 1670, 1683, 1705, e a uma última em 1757. Ainda que tida como um manual para os cirurgiões (DIAS, 2007: 64), talvez nos possamos questionar quantos deles, efetivamente, tiveram contacto com o seu teor. O autor começa o seu livro com um *Capítulo Universal*, com a seguinte questão: “Em quantas maneyras se considera a Cirurgia?” (FERREIRA, 1705: I), à qual responde: “Em duas, huma que ensina, a qual se compara ao nome de Sciencia, outra que usa, a qual se compara ao nome de Arte” (FERREIRA, 1705). Como logo explicaremos, mas que convém frisar desde já, o autor percebia a Cirurgia que se estudava e ensinava como *ciência*, e a que praticava como *arte*. É seu entendimento que “Cirurgia he Sciencia, que ensina o modo, & qualidade de obrar, principalmente soldando, cortando, & fazendo outras obras de mão, sarando aos homens como for possível” (FERREIRA, 1705). António Ferreira esclarece o que quer dizer com a expressão “como for possível?” explicitando: “Porque não está obrigado o Cirurgião, que cura, a sarar todas as enfermidades, senão só em lhe applicar os remedios, que a Arte ensina, a seu tempo” (FERREIRA, 1705). O autor advoga que esta definição servia para elevar a “cirurgia ao nome de Sciencia” (FERREIRA, 1705).

A Cirurgia era dividida em duas, a “*Cirurgia Theorica*” e a “*Cirurgia Practica*”. A *Theorica* seria a que “se aprende pelos livros, ou ouvindo-a, & sem que com mãos se

exercite” (FERREIRA, 1705), entendendo-se que: “Cirurgia he parte da Therapeutica por cortamento, queimamento, & concertamento de ossos, & por outra obra de mãos sarando os homens. Notando. Que com esta definição declaramos a Cirurgia estrictamente, & se compàra ao nome de Arte” (FERREIRA, 1705).

A definição *supra* refere-se à “Cirurgia Prática, que he a verdadeira, porque he obrar com as mãos, e que os Theoricos aprendem pelos livros, & este se não pôde saber se não obrando, e vendo obrar” (FERREIRA, 1705). A Cirurgia fazia parte da Medicina Ministrante (arte dos boticários, cirurgiões e barbeiros), era um ofício mecânico, e pertencia à área de saber e do entendimento que se tinha por Ciências e Artes no século XVIII (ABREU, 1726; DIAS, 2007: 179). Havia também a Medicina Dogmática, exercitada pelos médicos, que se opunha à área mecânica, fazendo parte das Ciências e Artes doutriniais, não liberais e naturais (ABREU, 1726; DIAS, 2007: 179). Para António Ferreira, a *Therapeutica* corresponde à Medicina, que contemplava três vertentes: “*Dietectica, Pharmaceutica, & Chirurgical*” (FERREIRA, 1705: 2). Entendia-se por *dietectica* o que concerne a comida, bebida e coisas não naturais que convinha ao doente ingerir; por *pharmaceutica* o uso de medicamentos simples ou compostos que curavam a enfermidade do doente; e por “chirurgica toda a manual operação, que o Cirurgião faz no corpo humano, ou seja abrindo, ou cortando, ou queimando, ou fazendo outra semelhante” (FERREIRA, 1705: 2). O objeto de intervenção da Cirurgia era o corpo humano “saõ para poder enfermar, e enfermo, para poder sarar pela Cirurgia” (FERREIRA, 1705: 2). Assim, a função da Cirurgia era tirar a enfermidade e conservar a saúde como fosse possível (FERREIRA, 1705: I). O mecanismo do ofício cirúrgico também era concebido por três partes, sendo a “Primeira, apartar o que está junto, a Segunda, ajuntar o apartado, e a Terceira, extirpar o supérfluo” (FERREIRA, 1705: 2). O cirurgião precisava ser hábil.

António Ferreira também diz que o cirurgião, ao executar a sua arte, precisaria “ser breve, & seguramente, sem dor, podendo ser, sem engano, não pondo só os olhos no interes; mas antes fazendo tudo com caridade, & amor” (FERREIRA, 1705: 2). Para agir de forma segura, o cirurgião deveria levar em consideração três noções, “a primeira, que saya sempre com o que pertende, a segunda, que quando não puder alcançar o que pertende, ao menos não dane ao doente, e a terceira, que o mal que curar, o cure de modo, que não torne com facilidade” (FERREIRA, 1705: 2).

Para exercer o ofício, o cirurgião precisava dispor de instrumentos. Havia os comuns (medicinais ou de ferro) e os próprios. Os medicinais compreendem unguentos, emplastos, pós, xaropes, sangria e purga; os de ferro, tesoura, navalha, lanceta para cortar, extirpar, cautérios para queimar, pinças, tenazes para tirar, tenta para tentear, agulhas para cozer. Eram classificados como comuns, porque eram usados, praticamente, em qualquer procedimento de cura. Os próprios eram instrumentos usados para casos mais específicos, como trepano para a cabeça, badal para a garganta, “*speculum matricis na madre*”, “*speculum pectoris no peito*”. Eram próprios “porque dellees não usamos senão só naquellas partes, & não servem para outra occasião, senão so seres propios a ellas” (FERREIRA, 1705: 3).

O cirurgião perfeito seria aquele que tivesse três atributos: o primeiro é o de que

“saiba os principios, & regras da Cirurgia, assim na Theorica, como na Pratica; o segundo que seja experimentado obrando, & vendo obrar, e o terceiro que seja de bom entendimento, & de bom juizo, afoito nas cousas seguras, temeroso nas perigosas, acautelado no pronosticar, grato aos companheiros, & piedoso para os pobres (FERREIRA, 1705: 9).

Os princípios para chegar à “verdadeira Cirurgia”, segundo António Ferreira, são dois: “razão, & experiencia”. O autor defendia que, para atingir a razão e a experiência, o melhor caminho seria “curar pelas indicações”. A vantagem de seguir esse indício seria expressa pelo “conhecimento dos remedios, que podem aproveitar às enfermidades, que curamos, & os males que nos podem vir, se os applicarmos sem ordem”. As indicações curativas foram compostas pelas seguintes tipologias: das cousas contra natureza, “& das cousas naturaes, & das não naturaes, & das que ellas se ajuntaõ” (FERREIRA, 1705: 8). Sobre as componentes que auxiliavam na cura de qualquer enfermidade, António Ferreira aponta três: “a natureza como principal agente mediante o calor, & espirito natural; a mazioha como instrumento de fóra; o Medico como ministro” (FERREIRA, 1705: 2-9).

O papel do médico era visto como elemento fundamental, acompanhando o entendimento que Ferreira tinha sobre o funcionamento do corpo humano. António

³ O instrumento *speculum matricis* era utilizado na vagina da mulher (PIRES, 2008), principalmente, no decorrer de partos em que se fazia necessário o uso deste artefacto. António Ferreira preferiu registrar como *na madre* ao invés de esclarecer qual era a parte do corpo que caracterizava o instrumento como *próprio*.

Ferreira era adepto ao Galenismo, que entendia o funcionamento do corpo pela existência dos quatro elementos e das quatro qualidades aristotélico-galénicas. Pese embora o facto de o Galenismo, enquanto teoria explicativa da estrutura humana, perdesse cada vez mais força no decorrer do século XVIII, esta persistência, na obra de António Ferreira, não era de todo excepcional no seu tempo.

O ensino de Medicina em Portugal

O ensino de Medicina em Portugal, no século XVIII, continuava fundamentado em Galeno, Hipócrates, Rhazes e Avicena, pelo menos oficialmente, até às reformas da Universidade de Coimbra⁴. Todavia, antes mesmo das reformas, existiam agentes que discordavam da filosofia hipocrático-galénica e reclamavam a inserção de outras perspectivas de análise do corpo humano, principalmente a iatromecânica. Um adepto da iatromecânica foi António de Monravá y Roca (1671-1753), catalão, antigo cirurgião-militar, que em 1721 foi provido com a obrigação de ensinar os praticantes de Cirurgia no lugar de anatómico do Hospital Real de Todos os Santos. Monravá discordava de António Ferreira e sua *Luz verdadeira...*, ao não admitir a existência dos quatro elementos e das quatro qualidades aristotélico-galénicas⁵. Sujeito a um contexto de intrigas, em 1732, foi aposentado compulsivamente por D. João V, que colocou em seu lugar o italiano Bernardo Santucci (DIAS, 2007: 64).

Isto conduz-nos, como vertente essencial do quadro teórico que procuramos traçar, à discussão das teorias médicas vigentes em Portugal no século XVIII. A teoria dos humores corresponde à concepção de Empédocles (s. V a. C.), filósofo da escola pitagórica, que na antiguidade grega deu uso ao conceito que defendia Aristóteles (384-

⁴ As reformas da Universidade de Coimbra, que ocorreram no mesmo período, conhecidas como reformas pombalinas, podem ser analisadas a partir dos novos Estatutos da Universidade, de 1772. Assistiu-se à reorganização do ensino médico em Portugal e consequentemente da Faculdade de Medicina. Criou-se Junta de Providência Literária (1771), que realizou a reforma do curso de Medicina, a que, certamente, havia sido influenciada por António Nuno Ribeiro Sanches, e Luís António Verney (de quem falaremos mais à frente). Ficou instituído que os oficiais em Medicina deveriam ter conhecimentos das línguas grega e latina, e recomendava-se o francês e inglês, e tornava-se obrigatório o estudo da Filosofia, Matemática e Física. No primeiro ano, seria estudada Matéria Médica e Prática Farmacêutica; no segundo ano, Teoria e Prática de Anatomia, Operações Cirúrgicas e Obstetrícia; no terceiro e quarto anos ministravam-se as cadeiras de Instituições Médicas (História da Medicina, Fisiologia, Patologia, Semiótica, Higiene e Terapêutica), iniciando-se a clínica hospitalar, acompanhada do estudo dos Aforismos de Boerhaave. O quinto ano era, por inteiro, dedicado à clínica hospitalar (CARNEIRO, 2003; LEMOS, 1771).

⁵ *Yo comienzo a desterrar las Tinieblas de delante de vuestros ojos en las confusas, e inciertas Doctrinas Galenicis. Y os pondré patentes las claras verdade de los Modernos* (MONRAVÁ Y ROCA, 1728).

322), segundo o qual o universo era composto por quatro elementos primordiais: a terra, a água, o ar, e o fogo, respetivamente com temperamentos frio e seco, frio e húmido, quente e húmido, e quente e seco (SOUSA, 2013: 24-25). O corpo estaria dividido em quatro humores, sendo eles: sangue, pituíta, bile amarela e bile negra (SOUSA, 2013: 24-25). Para o indivíduo gozar de boa saúde, os referidos humores deveriam permanecer em equilíbrio. Os sucessores de Hipócrates defendiam, como ele, que o físico só em último caso deveria intervir ativamente na correção do desequilíbrio humoral, ou discrasia (SOUSA, 2013). Boa parte das perceções acerca do processo saúde-doença eram norteadas pelos princípios hipocrático-galénicos, e respetivas vertentes. A elas dá continuidade o humanismo renascentista, que se servia de Hipócrates e Galeno, na sua *pureza original*, pelo que, do século XVI até quase todo o século XVIII, a teoria dos quatro humores fundamentou o pensamento médico.

Somado ao cenário hipocrático-galénico, havia também a iatroquímica, proposta desde há muito por Paracelso (1493-1541). Este médico e alquimista suíço-alemão defendia o tratamento do enfermo, que inserido na tradição hermética, compreende o microcosmo (homem) pelo macrocosmo, considerando que o primeiro é a perfeita representação do segundo, enfatizando a preferência do uso de medicamentos químicos para curar as enfermidades (EDLER, 2016). Paracelso acreditava que o sal, o enxofre e o mercúrio simbolizavam o corpo, a alma e o espírito, três constituintes metafísicos dos corpos existentes. Assim, o ensinamento paracelsiano tinha como base três elementos: sal, enxofre e mercúrio. Todos os corpos misturados tinham como integrantes estes três elementos, ou princípios (WESTFALL, 2003: 65). Paracelso baseou-se na teoria de um influente iatroquímico do início do século XVII, Jean Beguim (c 1550- c. 1620), que identifica o mercúrio como um líquido ácido, permeável, penetrante e etéreo. Ao mercúrio se devem o sentido e o movimento dos corpos, as suas forças e as suas cores. O enxofre é entendido como um bálsamo suave, oleoso e viscoso, que preserva o calor natural dos corpos e os torna inflamáveis. O enxofre tem a capacidade de conciliar os opostos, unindo a liquidez do mercúrio e a solidez do sal. O sal é seco e salgado, e por isso considerado como a fonte da solidez dos corpos. Richard S. Westfall destaca um ponto interessante sobre a teoria hipocrático-galénica e a iatroquímica. O autor observa que as definições dos princípios de Beguim fazem lembrar os elementos de Aristóteles, em que “o Sal corresponde a terra, o enxofre ao fogo e o mercúrio à água”

(WESTFALL, 2003: 65). Tanto os princípios como os elementos aristotélicos eram entendidos em termos qualitativos, o que significa que eram portadores de qualidades específicas. A iatroquímica entrava em conflito com as ciências físicas do século XVII, ao aceitar a concepção qualitativa da natureza, haja em vista que a perspectiva quantitativa se estava expandindo no meio científico daquele período.

Esta discussão serve para demonstrar que, mesmo sendo diferentes, as teorias médicas do século XVIII possuíam muito em comum, e conseqüentemente, um dos maiores obstáculos, comum a todas, estava relacionado com as dificuldades de entender o objeto de estudo (neste caso, o corpo humano), dadas as limitações éticas e técnicas do período. Importa neste ponto, porventura, relativizar o entendimento dominante de que a proibição da abertura de corpos, para fins investigativos, foi um elemento que causou um expressivo retrocesso no avanço dos saberes sobre o organismo humano. Como Michel Foucault chama a atenção, é preciso analisar se realmente o problema era a ausência de estudos sobre os constituintes anatómicos, ou o olhar que era voltado para os mesmos quando os corpos eram abertos (FOUCAULT, 1977: 143-144). Tal perspectiva permite-nos abordar os percalços enfrentados pela iatroquímica, que se constituíram em entraves para a compreensão da substância humana. É evidente que os aparatos técnicos e tecnológicos contribuem para um entendimento mais rigoroso, mas convém refletirmos sobre o olhar que tais princípios canalizavam, quais as perguntas que faziam e o que procuravam.

Tais elementos foram, por certo, relevantes para as respostas que se encontravam, o que pode tomar a interpelação voltada para o corpo humano como responsável pelas respostas obtidas, ou a falta delas, e não necessariamente a proibição que existia em relação à prática da autópsia. A final, corpos eram abertos e quando o eram, cirurgiões deveriam estar envolvidos. Com efeito, o ato de abrir corpos humanos, quando ocorre, é presumível que tenha sido feito em grande parte pelos cirurgiões, considerando que eram eles os agentes que estavam fadados a cuidar de lesões que necessitassem de toques manuais. A prática era proibida, mas não é raro ler um manual médico-cirúrgico do período e lá encontrar a descrição do que conhecemos como autópsia. Podemos constatar e exemplificar com Luís Gomes Ferreira, cirurgião português que exerceu Cirurgia na América Portuguesa durante a primeira metade do século XVIII, e que, ao redigir o seu tratado médico-cirúrgico, comentou sobre episódios em que abriu

cadáveres, tanto para apreender a causa da morte do enfermo, quanto para ponderar sobre a reação do mercúrio, mais reportado como *azougue*, nos ossos. Gomes Ferreira não foi único. Veja-se também o cirurgião português António Francisco da Costa e a sua obra: *Algebrista perfeito, methodo de praticar exatamente todas as operações da álgebra, tocantes á cura das deslocações, e fratura do corpo humano, simples e complicadas* (1764). Numa passagem da sua obra, Costa relata: “morto finalmente o ferido, quizem os abrir por curiosidade o seu cadáver” (FERREIRA, 1735: 267-268; COSTA, 1764: 178).

No conspecto de correntes que influenciaram o século XVIII, a iatroquímica também possuía suas derivações como, por exemplo, a iatromecânica (ou iatrofísica). Esta propunha que as leis do movimento serviam para justificar as do corpo. Este movimento teve como um dos seus maiores expoentes o holandês Hermann Boerhaave (1668-1738) (FERREIRA, 1735; COSTA, 1764), que chegou a ser designado como o Hipócrates do século XVIII (DIAS, 2010), tal como é constatado em *Breve Transumpto das Notícias da Lagoa grande, virtudes experimentadas em diversos achaques, e cautelas necessárias para o uso dos seus banhos, publicado para consolação e regime dos enfermos, que no presente estio se houverem de transferir àqueles banhos* (1749). A obra foi redigida pelo físico italiano Antonio Cialli, que esteve exercendo o seu ofício na América portuguesa setecentista e fez questão de enfatizar essa ideia, dizendo que “O verdadeiro Hippocrates de nossos tempos o subtilissimo Hermano Boerhave, a quem sem lisonja pode chamarse o Pay da mais pura e sólida medicina” (CIALLI, 1749).

O vitalismo foi outra doutrina que também se fez presente no século XVIII, tendo como seu maior defensor George Ernest Sthal (1660-1734), professor de Medicina e químico. O vitalismo, em boa medida, era regido por um princípio denominado *anima*, que regularia as forças mais importantes do corpo humano (EDLER, 2006).

Os estrangeirados e seus contributos para a Cirurgia

Para a presença destas correntes em Portugal em muito contribuíram os *estrangeirados*, portugueses que fizeram todo ou parte do seu percurso académico e formativo na Europa, e cujos conhecimentos reverteram para as reformas de ensino e de enquadramento institucional de produção de conhecimento em Portugal, no decurso do século XVIII.

Portugal estava, no século XVIII, sem dúvida amplamente conectado com a Europa e com o mundo (POLÓNIA, 2015: 243-272; POLÓNIA, ANTUNES, 2016; POLÓNIA, 2015, POLÓNIA, BARROS, 2012: 19-48). No que se refere à Europa, e por mais que o tópico tenha sido tratado, o impacto da revolução científica e do Iluminismo, em Portugal, não pode ser analisado sem nos referirmos aos *estrangeirados*, porque estes foram representantes significativos dos canais de difusão das novas ideias e práticas científicas em Portugal (SIMÕES, CARNEIRO, DIOGO, 2000, 1999; FURTADO, 2012). Os *estrangeirados* caracterizam um grupo de pensadores do século XVIII, que estiveram fora de Portugal, e que contribuíram para as transformações do pensamento científico português. Uma das razões da mobilidade (ou fuga de Portugal) desses agentes foram os processos de perseguição movidos pela Inquisição, ou Tribunal do Santo Ofício (WALKER, 2013: 91-146). A importância desses procedimentos de controlo e de punição pode ser aferida pelo facto de António Ferreira ter dedicado um capítulo da sua *Luz verdadeira* (FERREIRA, 1705: 407) a auxiliar e preparar os cirurgiões para os procedimentos e respostas a dar, no caso de virem a ser entrevistados por algum oficial do Santo Ofício.

Neste aspeto, um dos factos mais curiosos, enfatizado por Timothy D. Walker, é a ironia latente no facto de a história da modernização da Medicina em Portugal, já que, em torno da década de 1720, muitos dos adeptos mais fervorosos e ligados às questões da reforma do país, eram eles também oficiais da Inquisição, o que facilitava, por exemplo, o acesso a textos médico-científicos que eles mesmos proibiam (WALKER, 2013; DIAS, 1992: 2-9). A contribuição dos conhecidos como *estrangeirados* é vasta, e conta com nomes de alto mérito na história moderna portuguesa, como os de António Nunes Ribeiro Sanches (1699-1783), Jacob de Castro Sarmiento (1691-1762), Luís António Verney (1713-1792) e Manuel Gomes Bezerra de Lima (1727-1806). A este último daremos particular atenção mais adiante. A maioria desses homens não são cirurgiões, e por isso não nos vamos debruçar sobre eles, sendo vasta a bibliografia que deles trata (BOTO, 1998; LEMOS, 1911; MALAQUIAS, 2012; DIAS, 2005; BARNETT, 1978; CARDOSO, 1998; FERREIRA, 2009). De toda a forma, foram pessoas importantes para o processo que modificou o paradigma médico-cirúrgico português do século XVIII. Ribeiro Sanches defendeu mesmo a união da Cirurgia à

Medicina, sendo, porém, também verdadeiro que propõe a extinção da classe dos cirurgiões:

“Bem sei quantas contradições, quanta indignação, e de quanta temeridade será notado e acusado o parecer que proponho, e que insisto se execute, que todos os médicos deviam aprender a cirurgia prática na Universidade; e sabê-la tão bem que a praticassem; do tal modo, que se extinguisse esta classe de homens com nome de Cirurgiões” (RIBEIRO SANCHES [1763] 2003).

Luís António Verney também refletiu sobre a situação da Cirurgia em Portugal e dos cirurgiões no século XVIII:

“Com efeito, os Cirurgiões Portugueses quase todos são meros sangradores. Sabem dar alguns pontos; e os que sabem mais e são poços de ciência murmuram alguma coisa sobre os quatro elementos, ou qualidades ocultas. Porém, a verdade é que a Cirurgia pede outros fundamentos que eles não entendem” (VERNEY, 1746).

O quanto a Medicina ganharia quando fosse unida à prática era um assunto recorrente nos textos da área médica do século XVIII. Ribeiro Sanches não estava isolado. Entre prós e contras, esse era um tema debatido por físicos e cirurgiões. Em Portugal, as discussões em torno da Cirurgia tiveram mais vigor na segunda metade do século XVIII. Este levante a favor da Cirurgia teve influência da formação de escolas voltadas para o ensino da Cirurgia. Pouco antes das reformas pombalinas (1772), na cidade do Porto, o cirurgião e depois médico Manuel Gomes Bezerra de Lima foi um dos principais impulsionadores do movimento de renovação intelectual nas academias médico-cirúrgicas, defendendo a ciência experimental e as teorias médicas de Boerhaave (DIAS, 2010). De várias academias, a de maior destaque foi a primeiramente nomeada por *Academia dos Escondidos*, com representantes das disciplinas de Medicina, Cirurgia, e Farmácia, depois reconhecida por *Academia-Médico Portopolitana* (1759). Estima-se que o destaque que lhe é conferido é essencialmente porque o seu espaço de abrangência foi amplo. Esta Academia contava com a proteção do irmão do rei D. José I, Arcebispo de Braga e também nomeado D. José, era formada por doze círculos e seis meios círculos envolvendo territórios de Portugal, Espanha, África, América portuguesa e Índia, assim constituindo uma rede global de interação (VASCONCELOS, 2014: 241-269; TAVARES, 2008: 83-91).

Antes da criação da referida academia, houve a *Academia Cirúrgica Protótipo Lusitânica Portuense* (1748), e em 1759 “fundou-se a Academia Real Cirúrgica Portuense” (MONTEIRO, 1926; DIAS, 2010; VASCONCELOS, 2014). As três possuem em comum o papel e a influência de Lima. Manuel Gomes Bezerra Lima é um personagem de destaque na História da Cirurgia médica portuguesa. Em sua terra natal, Ponte de Lima, já havia iniciado estudos em Latim e Filosofia. Depois, estudou Cirurgia em Viana com o cirurgião Manuel de Amorim Dantas e com o cirurgião-mor dos regimentos da Província do Minho e Juiz Comissário do Cirurgião-Mor do Reino, José Custódio da Costa (MACHADO, 1752: 279; TAVARES, 2008). Por volta de 1770, licenciou-se em Medicina (TAVARES, 2008). Trata-se de um visionário que, além do incentivo à fundação das escolas médico-cirúrgicas, redigiu obras para a difusão do saber médico em Portugal, como o *Receptuario Lusitano* (LIMA, 1749), *O Practicante do Hospital Convencido* (LIMA, 1756), *Memorias Chronologicas e Criticas para a Historia da Cirurgia Moderna* (LIMA, 1762), *Memorias Chronologicas e Criticas para a Historia da Cirurgia* (Lima, 1779) e *Os Estrangeiros no Lima* (LIMA, 1785). Os contributos de Lima não ficaram imunes a críticas. Seu contemporâneo, Manuel de Sá Matos, na *Biblioteca elementar da História cirúrgica* (Matos, s/d), contestou o critério de Lima em dar prioridades a trabalhos médico-cirúrgicos estrangeiros nas suas obras:

“que o nosso Pontelimense Manoel Gomes eleger(?) e compôs suas Memorias chronologicas sobre a História da Cirurgia Moderna, as quaes compreendem 88 annos, sem que neste appareça Portugues algum: que o mesmo imprio ultimamente outro semelhante volume, com o titulo de memorias para a Historia antiga da mesma Arte, que compreendem o principio do mudo até a guerra Poloponesa. Mas como nenhuã desta composições apenas pode entrar no Languissimo hemisferio do nosso plano, supposto que o seu contheudo tenha com elle alguma analogia bem podemos asseverar que o nosso destino he quase original entre os Portugueses, Hespanhoes” (MATOS, s/d).

Com efeito, mesmo sendo Manoel Gomes de Lima Bezerra considerado um patriota, e sem dúvidas um símbolo do desenvolvimento médico-cirúrgico português do século XVIII, ao redigir sobre o assunto pouco mencionava as obras de seus compatriotas. Nas *Memorias chronologicas e criticas para a historia da cirurgia moderna ou Noticia dos principaes progressos, revoluçoens, descobrimentos...*, o autor pouco explorou o contexto português. Dedicou três dos artigos a discorrer sobre as discórdias que havia entre os cirurgiões e médicos parisienses, mas deixou o cenário e

contributos portugueses para outra publicação. De todo o modo, Lima não deixou de citar alguns de seus conterrâneos, e quando o fez, reverenciou os seus trabalhos, considerando que:

“se distinguirão muito em promover a publicação destas Memorias. Igual zelo experimento no doutissimo João Luiz Roche, da cidade do Porto de Santa Maria, em D. Jorge Martim Cavalheiro Decano da Academia da Esperança de Madrid, e nos Lic. Manoel Rodrigues Silva Douto Cirurgião de Lisboa, e Joaõ Cardoso de Miranda famoso Escritor, e Cirurgião da Bahia. Estes, e outros Sabios, que hirei referindo a seu tempo, dever tem huma grande parte na gloria deste trabalho” (LIMA, 1762).

Ainda dentro do contexto do reino, outro reformador do século das Luzes foi sem dúvida Diogo Inácio de Pina Manique (1733-1805). Tido como fundador da Real Casa Pia de Lisboa em 1780, as suas medidas integraram, entre outros aspetos, a regulação pública e sanitária. Redesenhando as estruturas de controle iniciadas pelo Marquês de Pombal e construindo um projeto de saúde pública em Portugal, as suas linhas de ação encontram-se convenientemente exploradas por Laurinda Abreu (ABREU, 2013), pelo que nos dispensamos de aqui desenvolver a importância da sua ação reformadora, que é para todos os investigadores na área, indiscutível. Dentro deste contexto de inovação do século XVIII surgiu o jornal médico *Zodiaco Medico-Delphico*, 1749. Com um único número dado ao prelo, é considerado o primeiro jornal médico publicado em Portugal (BERNARDO, 2013: 142). A sua composição foi atribuída ao cirurgião Manoel Gomes Bezerra de Lima na *Biblioteca Lusitana Historica, Critica, e Cronologica: na qual se comprehende a noticia dos authores portugueses, e das Obras, que compuzeraõ desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo presente*, publicada em 1752 (MACHADO, 1752: 279). Considera-se como uma sucessão (VASCONCELOS, 2014: 251; LEMOS, 1991: 163) do *Zodiaco Lusitano o Diário Universal de Medicina, Cirurgia, Pharmacia, etc* (LIMA, 1769), também de Manuel Gomes de Lima, oferecida ao rei e ao cirurgião António Soares Brandão, que era

“cavalleiro professo na Ordem de Christo, e também fidalgo da casa de sua magestade, cirurgião mór, e coronel dos seus Exercitos, primeiro cirurgião da sua Real Pessoa, e camara, chefe da Cirurgia do Reino de Portugal, e seus domínios, presidente perpetuo da Real Academia do Porto &c” (LIMA, 1769).

As iniciativas de publicação de periódicos foram recorrentes ao longo do século XVIII. Todavia nem sempre obtiveram êxito. Neste contexto, Hernâni Monteiro destacou a *Biblioteca de Cirurgia* (PORTUGAL, 1798) datada de 1798, redigida por António Rodrigues Portugal, (1738-?) cirurgião honorário do Senado da Relação do Porto (MONTEIRO, 1926: 199). A obra permanece em manuscrito, sem evidência de que tenha sido publicada (MONTEIRO, 1926: 19), contradizendo o desejo do autor, que deixou exposto que “Serei feliz se este meu trabalho, que he todo derigido para o bem da humanidade, fôr favoravelmente recebido do publico, e lhe merecer a sua benevolência” (PORTUGAL, 1798). A ideia de Rodrigues Portugal era a de estabelecer a publicação de uma folha semanal: “Finalmente para mais prompta satisfação dos applicados, sahirá impressa casa semana huma folha desta Bibliotheca, e no fim de 24 folhas, que completaõ seis mezes se concluire o primeiro tomo” (PORTUGAL, 1798), o que aparentemente não vingou desde o seu primeiro número⁶. No prólogo, António Rodrigues Portugal deixou manifesta a sua opinião sobre esse tipo de publicação: “As obras periodicas em todo o genero de ciencia, tem sempre tido huma grande aceitação, e serviço de muita utilidade aos applicados, e por isso se julgãõ estimaveis, e uteis” (PORTUGAL, 1798). A ideia expressa era a de difundir conhecimento cirúrgico de outras partes do mundo, em Portugal:

“Vendo eu a grande utilidade, que poderia rezultar áquelles que se interessão em adquirir mayores conhecimentos nesta tão util, e taõ necessaria Arte Cyrurgia, que he por consequencia, taõ indispensavel, e taõ precioza ao genero humano e conhecendo justamente que para se adquirirem estes conhecimentos se naõ podia passar sem a leitura das colleçoens academicas, e das obras periodicas, que daõ notícias dos livros novos, e dos descobrimentos uteis, que se publicaõ em diversos paizes para o adantamento da Cyrurgia, porisso julgueis faria hum grande serviço aos meus nacionaes se lhe desse a ler nos proprios idioma huma colleção das melhores obras de Cyrurgia que sahem na Europa, como tambem dos Discursos, Dissertaçoens, Memorias, e dos descobrimentos novos relativos à Cyrurgia, que se achaõ escriptos em diversas lingoas, poupando-lhe nisto naõ só muito trabalho, e dispezas, mas tambem porque acharaõ em hum ponto de vista o que só se acharia com muito trabalho, e diligencia em muitos volumes” (Portugal, 1798: Prólogo).

As 12 páginas do opúsculo compreendem três textos: 1. *Das feridas da cabeça que exigem o trepano, por Mr. Laurent Guillaume Messelbero, MedicoHenaõ (?)* em

⁶ *Biblioteca de Cirurgia* está depositada na Biblioteca da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, e até à última consulta, permanecia sem o número de série ou catalogação. Consegui consultá-la pelo apoio e auxílio das funcionárias, que tinham conhecimento de uma determinada obra, que poderia ser a que eu estava procurando, e que felizmente era.

Latim; 2. *Da ulcera podre, ou escorbútica, e dos efeitos salutíferos do çúmo de Limaõ como topico sobre estas doenças, por Mr. Leonard Gillespie, Cyrurgiaõ Ingles, extrahido do Jornal de Medicina Ingles*; 3. *Observaçoes sobre o efeito do mel contra a combustaõ, ou escaldadura.*

Como podemos constatar, a difusão do conhecimento médico-cirúrgico era recorrente. É curioso observar o público alvo desse material, obviamente, os interessados em Medicina e Cirurgia. Todavia, o número de cirurgiões que conseguiam de facto ter acesso a esse tipo de material já não é tão óbvio, e muito menos claro.

América portuguesa: uma extensão do reino Portugal

Quanto ao Brasil, segundo Lycurgo Santos Filho, nos três primeiros séculos de presença colonial, a Cirurgia era limitada, tanto em volume quanto em variedade (SANTOS FILHO, 1991). Para Santos Filho, a Cirurgia começou a desenvolver-se no Brasil no século XIX, quando já era exercida pelos doutores em Medicina e pelos professores das duas escolas, do Rio de Janeiro e da Bahia. O autor defende que “A antiga cirurgia foi eminentemente mutiladora. Cortava-se o membro doente. Extirpava-se a parte doente, o órgão afetado. Abria-se lancetava-se a tumoração”. Com convicção, e sem demonstrar dados, Lycurgo Santos Filho argumenta que era “perigoso intervir no corpo humano, pois sobrevinha geralmente a infecção pós-operatória. O ato cirúrgico significa a morte, numa percentagem impressionante”. Não pretendo dizer que Lycurgo Santos Filho estava certo ou errado em suas afirmações, não é isso que está em discussão. Todavia, creio que é preferível trabalhar com a informação disponível nas fontes para falar em percentagens. O autor também afirmou que os cirurgiões-barbeiros que exerceram nos primeiros séculos da colonização do Brasil, “igualaram-se todos nas limitações e deficiências” (SANTOS FILHO, 1991: 226). Tanto limitação quanto deficiência são conceitos muito delicados para ser utilizados quando estamos trabalhando com o passado, e ambos podiam variar de espaço para espaço dentro da América portuguesa. E a palavra todos, certamente, não é a mais apropriada para utilizar quando nos referirmos a um grupo tão plural.

Lycurgo Santos Filho (1947) é um clássico em História da Medicina da historiografia brasileira. Um clássico nunca perde o seu respeito, o que não impede que possa ser questionado sobre vários ângulos. Neste sentido, a historiografia brasileira em

História da Medicina já possui críticas que estabelecem o valor clássico da obra, mas questionam a validade da mesma, conforme podemos ver com Jean Luiz Neves de Abreu, na sua tese de doutoramento: *O Corpo, a Doença e a Saúde: O saber médico luso-brasileiro no século XVIII* (ABREU, 2006: 14-18). Para Neves de Abreu, Lycurgo Santos Filho apresentou uma versão generalizada do período colonial, e deixou entendido que havia precariedade da assistência médico-cirúrgica por questões de atraso intelectual. Se pudéssemos falar em precariedade, dificilmente poderíamos inferir que esta existiu por conta de déficit de intelecto dos praticantes em ação, formados ou não em Portugal. Os historiadores da História das Ciências têm vindo a defender que a ideia de um Portugal setecentista atrasado é controversa (CONCEIÇÃO, 2017; BRACHT, 2017).

No que toca aos cirurgiões, a própria formação que tinham, sem a obrigatoriedade de frequentar um curso para exercer a Cirurgia, importa sublinhar que não havia ciência como a entendemos hoje e, conseqüentemente, menos ainda cientistas (BIAGIOLI, 2006: 7-15). Torna-se relevante reforçar esse ponto, haja em vista que houve uma gama de historiadores que tenderam a analisar a Medicina e a Cirurgia do período setecentista tendo como referência a ciência e a prática científica do século XIX (ABREU, 2006: 14-18; FIGUEIREDO, 2004: 1-8). Neste campo, Jean Luiz Neves de Abreu, em concordância com Maria Cristina Wissenbach (WISSENBACH, 2002: 107-149), sublinha riscos de anacronismo, ao tentarmos aplicar percepções de ciência e de práticas de saúde do presente a contextos do século XVIII (ABREU, 2006: 14-18).

Jean Luiz Neves de Abreu trabalha com as concepções da medicina relativas ao corpo, à doença e à saúde no contexto luso-brasileiro do século XVIII (ABREU, 2006; ABREU, 2017: 118-137). O autor alicerçou a sua investigação em tratados médicos e em textos relativos ao tema produzidos no decorrer do século em análise. Uma das obras que Abreu explora em seu trabalho é o *Portugal médico ou monarchia médico-lusitana histórica practica symbolica, ethica e política* (ABREU, 1726), publicada em 1726 e redigida pelo médico português Brás Luís de Abreu (1692-1756). Para Abreu era preciso identificar as teorias que marcaram a produção do saber médico sem esquecer a sacralização que existia do corpo humano para compreender o processo de renovação das teorias médicas vigentes no período setecentista (ABREU, 2006: 13). Isso porque, em boa medida, Abreu salientou que o conhecimento de Anatomia não significava

apenas o conhecimento do corpo humano, significava também uma forma de conhecer e comprovar a existência e perfeição de Deus (ABREU, 2006: 90)⁷. O autor defendeu que obras como o *Erário Mineral*, de Luís Gomes Ferreira, são exemplares que representam uma corrente do pensamento médico-cirúrgico portuguesa, porque Gomes Ferreira primou pela prática e registou novos saberes medicinais por conta da sua experiência na América portuguesa (ABREU, 2006: 46). É seu entendimento que a principal motivação das reformas instauradas pelo Marquês de Pombal na área da saúde foi a formação de médicos e cirurgiões para exercerem nos territórios de Portugal ultramarino (ABREU, 2006: 188).

Maria Cristina Cortez Wissenbach desenvolve pesquisas mais no âmbito da história da África entre os séculos XVIII e XIX, e dentro do tema, investiga a história da medicina e a sua relação com o comércio de escravos (Wissenbach, 2015: 163-195; 2011:10-52; 2004a: 11-39). Wissenbach publicou um capítulo na reedição de Júnia Ferreira Furtado do *Erário Mineral* de Luís Gomes Ferreira. Com o título de *Gomes Ferreira e os símplices da terra: experiências sociais dos cirurgiões no Brasil colonial*. A autora sublinha que os cirurgiões exerciam práticas que expressavam a adequação, ou uma aclimação, ao contexto da colônia, da formação que recebiam em Cirurgia em Portugal (WISSENBACH, 2002: 127). As experiências do cirurgião registrada no seu “Erário” servem para Wissenbach como fragmentos que ajudam a compreender a complexidade da sociedade mineira setecentista. Aí, a necessidade proporcionou, quando não efetivamente, obrigou, à criação de procedimentos de diagnósticos e de curas, alternativos.

Para a autora, ainda no século XVIII, ao ler o *Erário Mineral* do cirurgião Luís Gomes Ferreira, notam-se situações semelhantes às que acompanharam as primeiras naus da expansão portuguesa. A autora percebe que os cirurgiões chegavam à América portuguesa para curar os escravos enfermos, mas que devido a falta de físicos, eles atendiam a toda sociedade que estava no território, pessoas de diversas origens e hierarquia social. Para Wissenbach, dadas as desigualdades sociais tão profundas na América portuguesa, situação que foi acentuada pela escravidão, as boticas, mezinhas, e

⁷ A compreensão do corpo humano como uma representação da perfeição divina data de antes do século XVIII. Vista como infinitamente perfeita, como uma máquina natural, a interpretação vesalina do corpo humano o elevava ao estatuto de arte divina, em que a referida máquina para funcionar necessitava de uma “mínima partícula” (CARDOSO, 2010, p. 25-45).

os agentes da saúde, prestavam serviços, em suma, apenas aos mais ricos. Todo esse contexto de diferença e diversidade tanto social, quanto do ambiente, proporcionou adequações específicas aos problemas da colônia, e o cirurgião precisava adaptar-se, como no caso de Luís Gomes Ferreira. No trabalho, da mesma autora, *Cirurgiões do Atlântico Sul conhecimento médico e terapêutica nos circuitos do tráfico e da escravidão (séculos XVII- XIX)* (WISSENBACH, 2004), Wissenbach informa acerca da participação dos cirurgiões na aquisição de escravos. Os cirurgiões faziam os exames que avaliavam sobre as “qualidades e defeitos físicos, as evidências de idade, os sintomas das doenças ou as predisposições mórbidas, que muitas vezes os mercadores procuravam esconder”. Para a autora, os cirurgiões passaram a constituir uma base cognitiva da especialidade médica intitulada posteriormente como de doenças tropicais.

Júnia Ferreira Furtado defendeu, no seu trabalho *Arte e segredo: o Licenciado Luís Gomes Ferreira e seu caleidoscópio de imagens* (FURTADO, 2002), que a numerosa população das Minas Gerais “servia como um fértil laboratório para a observação médica”. Furtado também defende que os tratados médicos redigidos sobre a experiência adquirida na capitania das Minas Gerais, ao contrário do que ocorria em séculos anteriores na América portuguesa, não eram escritos por físicos formados, mas sim por cirurgiões, ou cirurgiões-barbeiros. Para Furtado, os cirurgiões aliavam a “arguta observação dos casos que assistiam à Medicina erudita aprendida nos livros”, e assim desenvolveram um novo conhecimento, algo que oscilava entre o popular e o erudito.

Furtado utilizou essencialmente como fonte de análise os tratados redigidos por Luís Gomes Ferreira, *Erário Mineral*, de 1735, por João Cardoso de Miranda, *Prodigiosa Lagoa descoberta nas congonghas das minas do Sabará*, de 1749, e por José António Mendes, *Governo de Mineiros, mui necessário para os que vivem distantes de professores seis, oito, dez e mais léguas*, de 1770. Com efeito, estes são três tratados escritos por cirurgiões, três obras primas da História da Cirurgia da América portuguesa setecentista, que foram desenvolvidas no contexto do convívio entre os agentes portugueses e os nativos em *zonas de contacto*, e que geraram novas perspectivas de entendimento, inviabilizando a conceção do conhecimento científico como unicamente europeu. Todavia, se dissolvermos o número dos referidos tratados pelo total de

cirurgiões que exerceram no Brasil, no século XVIII, talvez devamos tomar estes tratados e estes cirurgiões como a exceção à regra, e não a norma.

Ainda segundo Júnia Ferreira Furtado e Sérgio Buarque de Holanda (HOLANDA, 1995), o conhecimento dos cirurgiões era também resultado, na zona de Minas Gerais, da prática e contacto com os saberes que eram transmitidos pelos índios aos bandeirantes de São Paulo. Os *remédios paulistas* eram fruto do que outrora os jesuítas tinham aprendido com os índios, e depois com os bandeirantes, quando aprenderam a utilizar e reconhecer o potencial das ervas, animais e minerais da flora e fauna da América portuguesa.

As práticas de cura dos africanos e indígenas representam um outro capítulo da História da Medicina brasileira (RIBEIRO, 1997; MARQUES, 2004, 2004a). Um dos primeiros a considerá-las e a discorrer sobre elas foi Lycurgo Santos Filho (ABREU, 2006: 14-18; SANTOS FILHO, 1977). O *curandeirismo*, a magia e outras formas de práticas médicas não serão, porém, abordadas neste trabalho, por muito interesse que nos despertem. Sobre eles existem já trabalhos relevantes, para os quais remetemos (SÁ, 2009: 325-344; RIBEIRO, 1997; MARQUES, 1999; PIMENTA, GOMES, 2016; CUNHA, 2011: 1-12). Outro tema que não será abordado é a suposta ligação dos jesuítas com a Medicina e a Cirurgia, matéria sobre a qual já existem trabalhos em abundância (SANTOS FILHO, 1977; FLECK, 2014; LEITE, 1956; LEITE, 2011; HADDAD, 2014: 3-14, 2016: 617-643).

Tal como acontecia no reino, os cirurgiões na América portuguesa faziam prognósticos e curas, receitavam medicamentos, e eles próprios os produziam (FURTADO, 2002, 2005). Os cirurgiões lidavam com pessoas de todos os meios sociais, pobres, escravos, e senhores da colônia (DIAS, 2002: 118; WISSENBACH, 2002: 118). A sua condição social, o contexto em que estavam inseridos, os meios técnicos e logísticos de que dispunham, o seu reconhecimento social, são variáveis que manteremos em aberto para uma aproximação, que queremos empiricamente bem sustentada, à prática da Cirurgia no Brasil colonial no decurso do século XVIII.

Consideração final

Ainda antes do reconhecimento da Cirurgia como *ciência*, e conseqüentemente dos cirurgiões como agentes médicos, os seus percursos, e mais ainda as suas

aspirações, documentam e reforçam os percursos da afirmação da Cirurgia perante a Medicina no século XVIII.

As teorias médicas vigentes no período: iatroquímica, iatromecânica (ou iatrofísica), vitalismo enfraqueciam o Galenismo, pese embora, possuíam muito em comum, e dos maiores desafios, comum a todas, baseava-se nas dificuldades de entender o corpo humano.

A Cirurgia foi tema de renomados estudiosos do período setecentista. Destacamos em Portugal o empenho do cirurgião e depois médico Manuel Gomes Bezerra de Lima. A prática cirúrgica acompanhava o desenvolvimento de outras matérias e práticas científicas no decorrer do século XVIII.

A prestação de cuidados cirúrgicos pelas mãos dos seus agentes era de fundamental importância, tanto na América portuguesa, como na metrópole. Ainda que até agora tenham sido poucos compreendidos pela historiografia, esses homens não só praticaram cirurgia, não só produziram saber/saberes, como foram fundamentais para o processo de colonização e apropriação territorial, nomeadamente através dos seus contributos para a sobrevivência e sanidade dos colonos portugueses (se não de outros agentes de importância nuclear nesse processo, como os escravos africanos e os ameríndios).

Referências

Fontes primárias

ABREU, B. L., (1726). *Portugal médico ou monarchia médico-lusitana histórica practica symbolica, ethica e política*, Coimbra: Oficina de Joam Antunes.

CIALLI, A., (1749). *Breve Transumpto das Notícias da Lagoa grande, virtudes experimentadas em diversos achaques, e cautelas necessárias para o uso dos seus banhos, publicado para consolação e regime dos enfermos, que no presente estio se houverem de transferir àqueles banhos*. Biblioteca Pública Municipal do Porto (BPMP): CDU: 613. 3/ 20.

COSTA, A. F., (1764). *Algebrista perfeito, methodo de praticar exatamente todas as operações da algebra, tocantes, á cura das deslocações, e fratura do corpo humano, simples e complicadas*, Liboa: Oficina de Manoel Coelho Amado.

FERREYRA, A., (1705). *Luz verdadeira, e recopilado exame de toda a Cirurgia*. Lisboa: Na officina de Valentim da Costa Deslandes Impressor de Sua magestade, & à sua custa impresso. Com todas as licenças necessarias, & Privilegio Real, Lisboa: Valentim Da Costa Deslandes.

FERREIRA, L. G. ([1735] 2002) “Erário Mineral”. In J. F. FURTADO (Ed.), *Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira*, pp. 179-768. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro.

LEMOS, F., (1771). *Compendio historico do estado da Universidade de Coimbra, no tempo da invasão dos denominados Jesuitas e dos estragos feitos nas sciencias e nos professores, e directores que a regiam pelas maquinações, e publicações dos novos estatutos por elles fabricados*, Lisboa: Na Regia Officina Typografica.

LIMA, M. G. B., (1749). *Receptuario lusitano chymico-pharmaceutico, medico-chirurgico. Ou formulario de ensinar a receitar em todas as enfermidades ...: Contem hum sellecto de cada queixa, e todos os especificos ... recopilados em Jungken, Mynsichti, Lemery, e todas as Pharmacopeas*, Porto: Of. Prototypa Episcopal.

LIMA, M. G. B., (1756). *O Practicante do Hospital Convencido*, Porto: Of. Episcopal do Capitão Manuel Pedroso Coimbra.

LIMA, M. G. B., (1762). *Memorias chronologicas e criticas para a historia da cirurgia moderna ou Noticia dos principaes progressos, revoluçoens, descobrimentos, seytas, privilegios, Academias, obras impressas, e varoens famosos da cirurgia, desde a conquista de Constantinopla pelos turcos, ate o tempo presente*, Coimbra: Of. Episc. do Capitaio Manoel Pedroso.

LIMA, M. G. B., (1769). *Diario Universal de Medicina, Cirurgia, Pharmacia &c. Contem os discursos, e observações trabalhados pelos Academicos das duas Academias Medica, e Cirurgica do Porto: o extracto dos livros, e descobrimentos, que se vão publicando na Europa sobre a arte de curar: e hum catalogo das plantas do Reino de Portugal para se valerem dellas não sómente os professores, mas todas as mais pessoas em geral, e especialmente as que vivem no campo*, Lisboa: Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.

LIMA, M. G. B., (1779). *Memorias chronologicas, e criticas para a historia da cirurgia; ou, Noticia da origem, principaes progressos ... e varoens famosos da cirurgia desde o principio do mundo até ao presente*, Lisboa: António Rodrigues Galhardo.

LIMA, M. G. B., (1785). *Os estrangeiros no Lima, ou Conversaçoes eruditas sobre os varios pontos de historia ecclesiastica, civil, litteraria, natural, genealogica, antiguidades, geographia, agricultura, commercio, artes, e sciencias. Com huma descripção de todas as villas, freguezias, e lugares notaveis da Ribeira de Lima, suas produçoens, industria, fabricas, edificios, familias nobres, filhos illustres em virtudes, armas ou letras, e com a Nobiliarchia Portugueza de Villasboas illustrada com todos os escudos de armas dos appellidos das familias do reino por ordem alfabetica, e huma breve noticia das casas, que ha no mesmo reino, dos ditos appellidos, sem serem titulares*, Coimbra: Real Officina da Universidade.

MATOS, M. S., (s/d). *Biblioteca elementar da História cirúrgica, Anatómica ou Compêndio histórico-crítico e cronológico sobre a cirurgia e anatomia em geral que contém os seus princípios, incrementos e últimos estados, assim em Portugal, como nas mais partes ocultas do mundo*. PT/TT/MSLIV/0413.

MACHADO, D. B., (1752). *Biblioteca Lusitana Historica, Critica, e Cronologica: na qual se comprehende a noticia dos authores portugueses, e das Obras, que computeraõ desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo presente*, Lisboa: na officina de Ignacio Rodrigues.

MONRAVÁ Y ROCA, (1728). *Breve curso de nueva Cirurgia. Lisboa Occidental: en la Patriarcal Officina de la Musica, dedicado al serenissimo señor infante D. Antonio*, Lisboa: Patriarcal Officina de la Música.

PORTUGAL, A. R., (1798). *Biblioteca de Cyrurgia, Ou Notícia das melhores obras de Cyrurgia, que sabem na Europa, como tambem os melhores Discursos, Dissertaçoens, Memorias, Obervaçoens, e Descobrimientos novos, e uteis à Cyrurgia, pelos mais Celebres escriptores em Latim, Italiano, Francez, Ingles, Alemão &ce. &ce. Para utilidade dos*

Applicados. Não foi Publicada. Está depositada na Biblioteca da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, e até à última consulta, permanecia sem o número de série ou catalogação.

RIBEIRO SANCHES, A. N., ([1763] 2003). *Método para Aprender e Estudar a Medicina*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.

SANTUCCI, B., (1739). *Anatomia do corpo humano: recopilada com doutrinas medicas, chemicas, filosoficas, mathematicas, com indices, e estampas, representantes todas as partes do corpo humano*, Lisboa Occidental: na Officina de Antonio Pedrozo Galram.

S/A, (1749). *Zodiaco Lusitanico Delphico - Anatomico, Botanico, Chirúrgico, Chymico, Dentreologico, Ictyologico, Lithologico, Medico, Meteorologico, Optico, Ornithologico, Pharmaceutico, e Zoologico*, Porto: Academia dos Escondidos.

VERNEY, L. A., (1746). *Verdadeiro método de estudar, para ser útil à Republica e à Igreja: proporcionando ao estilo e necessidade de Portugal: exposto em varias cartas*. Valensa: Na Oficina de Antonio Balle.

Fontes secundárias

ABREU, J. L. N., (2006). *O corpo, a doença e a saúde: o saber médico luso-brasileiro no século XVIII* (Tese de doutoramento). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História. Belo Horizonte.

ABREU, J. L. N., (2017). “Prédicas para a alma e o corpo: algumas questões para a compreensão da doença no contexto luso-brasileiro do século XVIII”. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, v. 9, pp. 118-137.

ABREU, L., (2013). *Pina Manique: um reformador no Portugal das Luzes*, Lisboa: Gradiva.

ANTUNES, C., POLÓNIA, A., (Eds.) (2016). *Beyond Empires: Global, Self-Organizing, Cross-imperial networks, 1500-1800*, Leiden - New York: Brill.

BARNETT, R., (1978). “Dr. Jacob De Castro Sarmento and Sephardim in Medical Practice in 18th-Century London”. *Transactions & Miscellanies (Jewish Historical Society of England)*, Nº 27, pp. 84-114.

BERNARDO, L. M., (2013). *Cultura Científica em Portugal: uma perspectiva histórica*, Porto: Universidade do Porto editorial.

BIAGIOLI, M., (2006). *Galileu, Cortesão: a Prática da Ciência na Cultura do Absolutismo*, Porto: Porto Editora.

BOTO, C., (1998). “Enciclopedismo de Ribeiro Sanches: Pedagogia e Medicina na confecção do Estado”. *História da Educação. ASPHE/FaE/UFPel*, Nº 4, v. 117, pp. 107 -117. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30692/pdf> , acessado em junho de 2021.

BRACHT, F., (2017). *Ao ritmo das Monções. Medicina, Farmácia, História Natural e Produção de Conhecimento na Índia portuguesa no século XVIII* (Tese de Doutoramento). Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto.

CARDOSO, L. M. O. B., (1998). “Luís António Verney e o Verdadeiro Método de Estudar: Um Pensamento Inovador entre Portugal e a Europa”. *Millenium*, Mº 11, pp. 1-11.

CARDOSO, A., (2010). “O lugar da Medicina na Revolução Científica”. *Revista Portuguesa de Filosofia*, V. 66, Nº 1, pp. 25-45.

CARNEIRO, M. N. F., (2003). *Ajudar a nascer: parteiras, saberes obstétricos e modelos de formação (séculos XV - XX)* (Dissertação de Doutoramento). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação Universidade do Porto. Porto.

- CONCEIÇÃO, G. C., (2017). *Natureza Ilustrada. Processos de construção de conhecimento filosófico-natural sobre o Brasil na segunda metade do século XVIII* (Tese de Doutorado). Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Porto.
- CUNHA, R. R., (2011). “Curandeiros e o Tribunal da Inquisição no Grão-Pará setecentista”. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História* (pp. 1-12). São Paulo: ANPUH.
- DIAS, J. P. S., (1992). “Equívocos sobre ciência moderna nas academias médico-cirúrgicas portuguesas”. *Medicamento, História e Sociedade. Nova série*, Nº 1, pp. 2-9.
- DIAS, J. P. S., (2005) “Jacob de Castro Sarmiento e a sua fuga para Londres em 1721”. *Cadernos de Estudos Sefarditas*, Nº 5, pp. 187-194.
- DIAS, J. P. S., (2007). *Droguistas, boticários e segredistas: ciência e sociedade na Produção de Medicamentos na Lisboa de Setecentos*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- DIAS, J. P. S., (2010). “Até que as Luzes os separem. Hipócrates e Galeno na Literatura Médico-Farmacêutica portuguesa dos séculos XVII e XVIII”. In I. E. ORNELLAS (Org.), *Revisitar os Saberes. Referências Clássicas na Cultura Portuguesa do Renascimento à Época Moderna* (pp. 77-88). Lisboa: Centros de Estudos Clássicos FLUL e IELT, Universidade Nova de Lisboa.
- DIAS, M. O. L. S., (2002). “Nos sertões do Rio das Velhas e das Gerais: vida social numa frente de povoamento, 1710-1733”. In J. F. FURTADO (Eds.), *Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira* (pp. 45-106). Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro.
- DEBUS, A. G., (2004). *O homem e a natureza no Renascimento*, Porto: Porto editora.
- EDLER, F. C., (2006). *Boticas e farmácias: uma história ilustrada da farmácia no Brasil*, Rio de Janeiro: Casa da Palavra.
- FERREIRA, B. F. L., (2009). *Contra todos os inimigos - Luís Antonio Verney: historiografia e método crítico (1736-1750)* (Dissertação de mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo.
- FIGUEIREDO, B. G., (2004). “A medicina no século XVIII em Minas Gerais: um balanço historiográfico (uma abordagem preliminar)”. *Anais Eletrônicos XIV Encontro Regional de História. Juiz de Fora-MG. Caminhos da História: desafios da Historiografia em Minas Gerais* (pp. 1-8). Juiz de Fora: ANPUH-MG.
- FLECK, E. C. D., (2014). *Entre a caridade e a ciência. A prática missionária e científica da Companhia de Jesus (América platina, séculos XVII e XVIII)*, San Leopoldo: Oikos/UNISINOS.
- FOUCAULT, M., (1977). *O nascimento da clínica*, Rio de Janeiro: Forense-Universitária.
- FURTADO, J. F., (2002) “Arte e segredo: o Licenciado Luís Gomes Ferreira e seu caleidoscópio de imagens”. In J. F. FURTADO (Ed.), *Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira* (pp. 03-30). Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro.
- FURTADO, J. F., (2005). “Barbeiros, cirurgiões e médicos nas Minas colonial.” *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Nº XLI, pp. 88-105.
- FURTADO, J. F., (2012). *Oráculos da Geografia Iluminista: Dom Luís da Cunha e Jean-Baptiste Bourguignon D’Anville na construção da cartografia do Brasil*, Belo Horizonte: UFMG.
- HADDAD, T. A. S., (2014). “Filósofos naturais do demônio: astronomia, alteridade e missão no sul da Índia, século XVII”. *Revista de História da Unisinos*, Nº 18, pp. 3-14.
- HADDAD, T. A. S., (2016). “O diabo e o diálogo: embates cosmológicos na fronteira missionária do sul da Índia no início do século XVII”. *Revista Estudos*, Nº 32, pp. 617-643.
- HOLANDA, S. B., (1995). “A botica da natureza”. In: *Caminhos e fronteiras* (pp. 74-89). São Paulo: Companhia das Letras.
- LEITE, S., (1956). *Serviços de saúde da Companhia de Jesus no Brasil (1544-1760)*, Lisboa: Typografia do Porto.

- LEITE, B. M. B., (2011). *Medicina de Padre: Estudo sobre os fundamentos culturais da medicina jesuítica no Brasil Colonial*, Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional.
- LEMOS, M., (1911). *Ribeiro Sanches: a sua vida e obra*, Porto: Eduardo Tavares Martins.
- LEMOS, M., (1991). *História da Medicina em Portugal: Doutrinas e Instituições*, Lisboa: Publicações D. Quixote/Ordem dos Médicos.
- MALAQUIAS, I., (2012). “A geografia do saber em António Nunes Ribeiro Sanches através do inventário da sua livraria”. *Ágora – Estudos clássicos em debate*, Nº 14, pp. 203-226.
- MARQUES, V. R. B., (1999). *Natureza em boiões (medicinas e boticários no Brasil setecentista)*, São Paulo: Unicamp.
- MARQUES, V. R. B., (2004). “As 'medicinas' indígenas ganham o mundo nas páginas das farmacopeias portuguesas do setecentos”. In: *IX Encontro Regional de História: Identidades e Representações* (On-line). Ponta Grossa: ANPUH.
- MARQUES, V. R. B., (2004a). “Instruir para fazer a ciência e a medicina chegar ao povo no setecentos”. *Varia História*, Nº 32, pp. 37-47.
- MONTEIRO, H., (1926). *Origens da Cirurgia portuense*, Porto: Araújo & Sobrinho, Suc. Res 50, L.S. Domingos.
- PALMA, M., (2016). "Construção e transferência de saberes médico-cirúrgicos entre Portugal e a América portuguesa no século XVIII". In A. POLÓNIA, F. BRACHT, G. DA CONCEIÇÃO and M. PALMA (Org.), *História e Ciência: Ciência e Poder na Primeira Idade Global* (pp. 78-93). Porto: Universidade do Porto.
- PALMA, M., (2018). "Circulation of knowledge between Portugal and Brazil in the 18th century. The case of thermal bathing". In A. POLÓNIA, F. BRACHT, G. DA CONCEIÇÃO and M. PALMA (Eds.), *Cross-cultural Exchange and the Circulation of Knowledge in the First Global Age* (pp. 193-206). Porto, Portugal: Citcem/Afrontamento.
- PALMA, M., (2018a). "Connecting Medicine and Surgery: Anatomy in Portugal and Portuguese overseas settlements in the eighteenth century". In P. BALA (Ed.), *Learning from Empire: Medicine, Knowledge and Transfers in the Portuguese Empire* (pp. 122-140). Cambridge: Cambridge University Press.
- PALMA, M., (2019). *Cirurgiões, práticas e saberes cirúrgicos na América portuguesa no século XVIII* (Tese de Doutorado). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- PALMA, M., (2019a). "Formação dos cirurgiões praticantes no Brasil – uma extensão do Reino". *Revista de Guimarães*, Nº 128, pp. 159-190.
- PALMA, M., (2020). "Da Prática da Cirurgia à Pesca da Baleia: Modos de Fazer no Brasil Colonial". In V. O. JORGE (Coord.), *Modos de Fazer, Ways of Making* (pp. 497-509). Porto: CITCEM.
- PIMENTA, T. S., GOMES, F., (Orgs.) (2016). *Escravidão, doenças e práticas de cura no Brasil*, Rio de Janeiro: Outras Letras.
- PIRES, M. A. B., (2008). *Vascularização do útero: estudo morfológico e experimental* (Tese Doutorado). Lisboa: Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa.
- POLÓNIA, A., (2015). “Fluxos transnacionais e transimperiais na expansão ultramarina portuguesa. Trans-national and trans-imperial flows in the Portuguese overseas expansion.” In A. BARROS (Coord.), *Os Descobrimientos e as Origens da Convergência Global. The Discoveries and the Origins of Global Convergence* (pp. 243-272). Porto: Câmara Municipal do Porto / Associação para a Divulgação da Cultura de Língua Portuguesa.
- POLÓNIA, A., ANTUNES, C., (Eds) (2017). *Mechanisms of Global Empire Building in the First Global Age*, Porto: Afrontamento/CITCEM.

- POLÓNIA, A., BARROS, A., (2012). “Articulações Portugal / Brasil. Redes informais na construção do sistema Atlântico (séculos XVI – XVIII)”. In S. C. C. ALMEIDA, G. C. MELO SILVA, K. VANDERLEI SILVA, G. F. CABRAL DE SOUZA, A. POLÓNIA (Coords.), *Políticas e Estratégias Administrativas no Mundo Atlântico* (pp. 19-48). Recife: Editora Universitária/UFPE.
- RAJ, K., (2017). “Thinking without the Scientific Revolution: Global Interactions and the Construction of Knowledge”. *Journal of Early Modern History*, Nº 21, pp. 1-14.
- RIBEIRO, M. M. R., (1997). *A ciência dos trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII*, São Paulo: Hucitec.
- SÁ, M., (2009). “O universo mágico das curas: o papel das práticas mágicas e feitiçarias no universo do Mato Grosso setecentista”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, V. 16, Nº 2, pp. 325-344.
- SANTOS FILHO, L. C., (1977). *História geral da medicina brasileira*, São Paulo: Editora Humanismo, Ciência e Tecnologia.
- SANTOS FILHO, L. C., (1947). *História da medicina no Brasil*, São Paulo: Brasiliense.
- SANTOS FILHO, L. C., (1991). *História Geral da Medicina Brasileira*. São Paulo: Editora HUCITEC/Editora da Universidade de São Paulo.
- SIMÕES A.; CARNEIRO, A.; DIOGO, M. P., (1999). “Constructing Knowledge: Eighteenth-century Portugal and the New Sciences”. *Archimeds*, Nº 2, pp. 1-40.
- SIMÕES, A.; CARNEIRO, A.; DIOGO, M. P., (2000). “Enlightenment Science in Portugal: The Estrangeirados and Their Communication Networks”. *Social Studies of Science*, V. 30, Nº 4, pp. 591-619.
- SOUSA, G., (2013). *História da medicina portuguesa durante a Expansão*, Lisboa: Temas e Debates – Círculo de Leitores.
- TAVARES, P. V. B., (2008). “Manuel Gomes de Lima Bezerra: o discurso ilustrado pela dignificação da Cirurgia”. *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, Nº 5, pp. 83 - 91.
- VASCONCELOS, J. M., (2014). “Antecedentes da Escola Médico-Cirúrgica do Porto. A caminho da fusão da Medicina com a Cirurgia. Etapas da afirmação institucional de uma profissão”. *História. Revista da FLUP*, IV Série, pp. 241-269.
- WALKER, T. D., (2013). *Médicos, medicina popular e Inquisição: a repressão das Curas mágicas em Portugal durante o Iluminismo*, Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- WESTFALL, R. S., (2003). *A construção da ciência moderna mecanismos e mecânica*. Porto: Porto editora.
- WISSENBACH, M. C. C., (2002). “Gomes Ferreira e os simplices da terra: experiências sociais dos cirurgiões no Brasil colonial.” In J. F. FURTADO (Ed.). *Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira* (pp. 107-149). Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro.
- WISSENBACH, M. C. C., (2004). “Cirurgiões do Atlântico Sul - conhecimento médico e terapêutica nos circuitos do tráfico e da escravidão (séculos XVII- XIX)”. *Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História* (On-line). ANPUH/SP- UNICAMP.
- WISSENBACH, M. C. C., (2004a). “A mercantilização da magia na urbanização de São Paulo”. *Revista de História*, Nº 150, pp. 11-39.
- WISSENBACH, M. C. C., (2011). “As feitorias de urzela e o tráfico de escravos: Georg Tams, José Ribeiro dos Santos e os negócios na África centro-ocidental na década de 1840”. *Afro-Asia*, Nº 43, pp. 10-52.

WISSENBACH, M. C. C., (2015). “Dinâmicas históricas de um porto centro-africano: Ambriz e o Baixo Congo nos finais do tráfico atlântico de escravos (1840-1870)”. *Revista de Historia*, Nº 172, pp. 163-195.

ZIMMERMAN, L. M.; VEITH, I., (1961). *Great ideas in the History of Surgery*. Baltimore: The Willians & Wilkins Company.